

DOIS *LARNAKES* DA IDADE DO FERRO DO SUL DE PORTUGAL

O presente trabalho visa dar a conhecer a existência de duas curiosas peças em argila cozida, dotadas de decoração de clara origem orientalizante, recolhidas numa estação da I Idade do Ferro em Neves, Castro Verde, Alentejo.

DESCRIÇÃO - PEÇA A

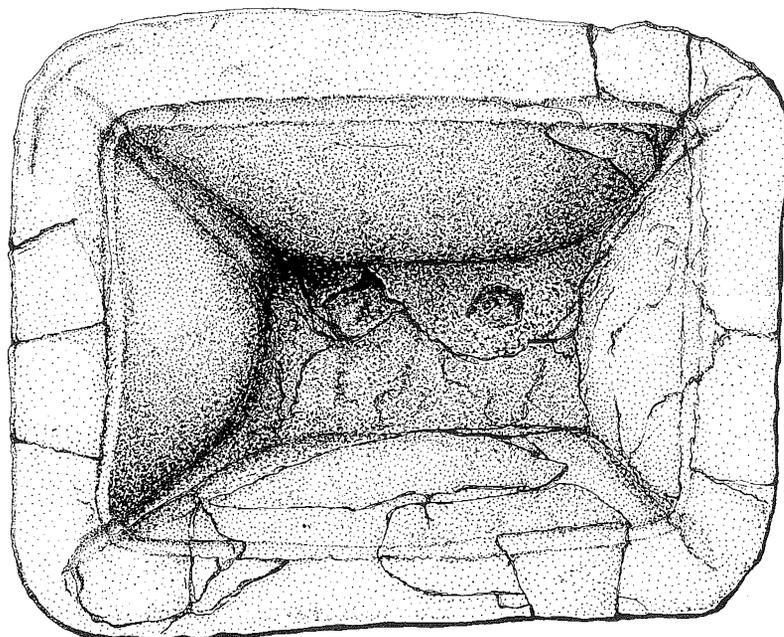
A peça A é constituída por dois elementos: um recipiente em forma de terrina (Lâm. I, n.º 1 e 2), de forma tendendo para o rectangular e uma tampa (Lâm. II, n.º 1 e 2). Ambos são feitos em argila cozida, de cor castanha-escuro acizentada, grosseira e mal depurada. Nota-se uma diferença técnica entre a face interna do recipiente, bem polida e espessamente engobada a cinzento, embora sem o auxílio da roda de oleiro e a externa, sem grandes preocupações de acabamento. Na tampa, o maior esforço incidiu sobre a face superior, que foi bem alizada, engobada e decorada em relevo.

O recipiente tem um comprimento máximo de 39 cm, por uma largura máxima de 29 cm. Apresenta aba larga e saliente, com c. de 5 cm de largura e que se insere no corpo da peça em posição ligeiramente oblíqua. Os ângulos desta aba, arredondados, formam como que um vinco ou depressão. A altura máxima da caixa é de 13 cm e as suas paredes laterais são oblíquas e côncavas na face externa, formando, nas arestas, como que saliências espessas e muito pronunciadas, que tomam o aspecto de fortes pés curvos e pseudo-destacados. O fundo interno é de dimensões menores que as da boca: mede 16,5 por 11 cm. A tampa, que denominamos como tal porque a encontramos *in situ* (Est. I, foto 1) directamente sobreposta à caixa que acabamos de descrever (Est. I, foto 2), é constituída por uma grossa placa de barro cozido, com c. de 3 cm de espessura com um comprimento máximo de 49 cm, por uma largura máxima de 37 cm.

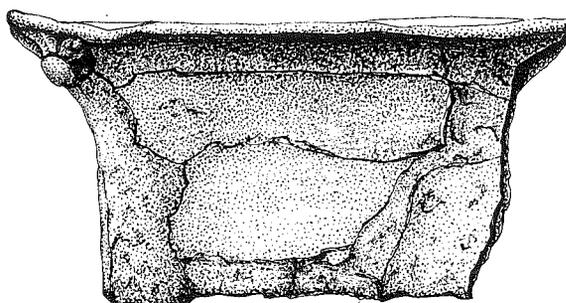
Esta placa toma a forma de um rectângulo com os lados côncavos que mede, na zona central, 30,5 cm por 29 cm. Este perfil é sublinhado por um acentuado relevo na face superior, em que dois rolos de argila, paralelos à margem, repetem um desenho da periferia da tampa. Um pequeno orifício rectangular, medindo 3 por 2,5 cm de lado foi propositadamente praticado no centro da peça.

De notar que, sendo a tampa quase perfeitamente horizontal e a aba da caixa oblíqua, a sobreposição dos dois elementos resulta imperfeita (Est. I, foto 3), embora as dimensões da parte central daquela coincidam bem com as da aba do recipiente, podendo-se afirmar que apenas os ângulos muito projectados da tampa extravasam, no sentido do comprimento.

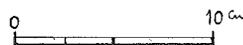
Quanto à forma da caixa (Lâm. III) convém sublinhar que o fundo externo repete, em menores dimensões, o formato da tampa, devido à projecção dos ângulos e à convexidade das faces laterais.



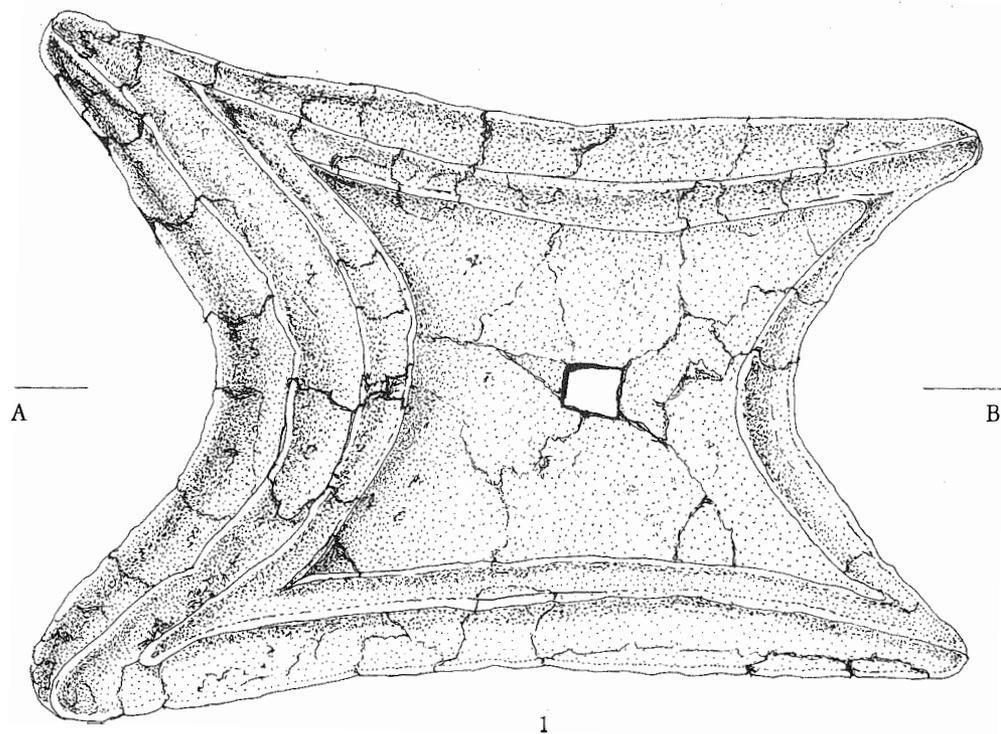
1



2



LAM. I

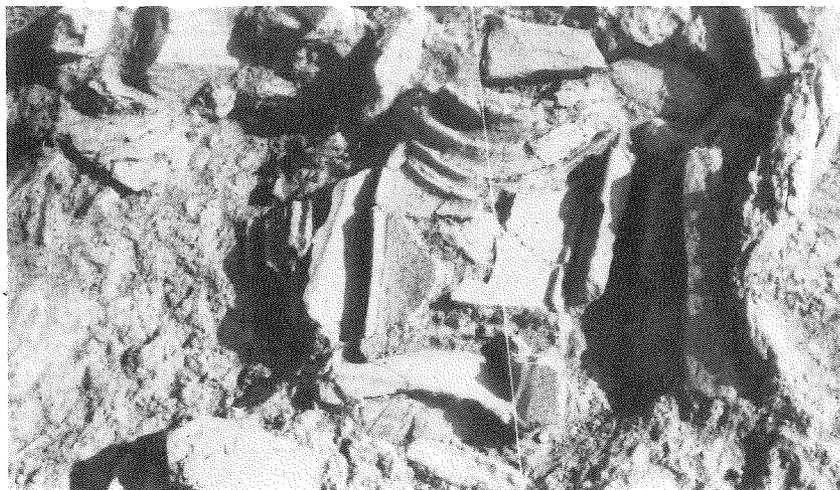


CORTE AB

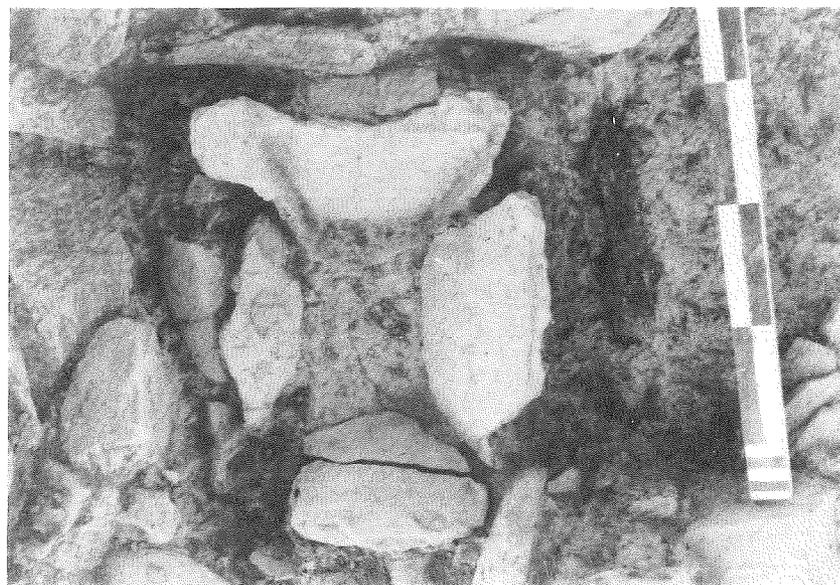


LAM. II

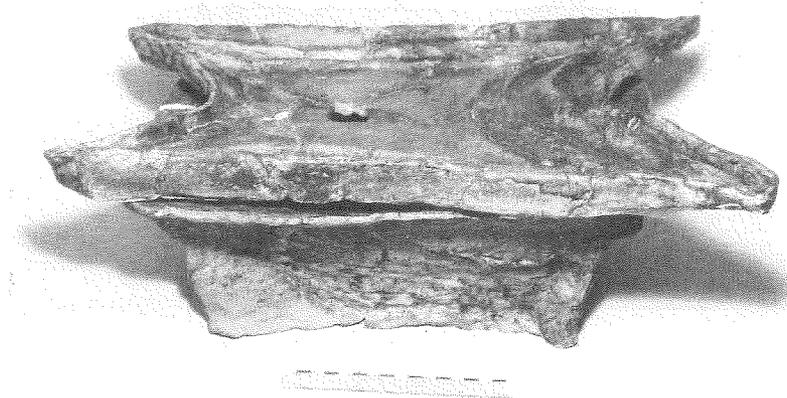
Est I



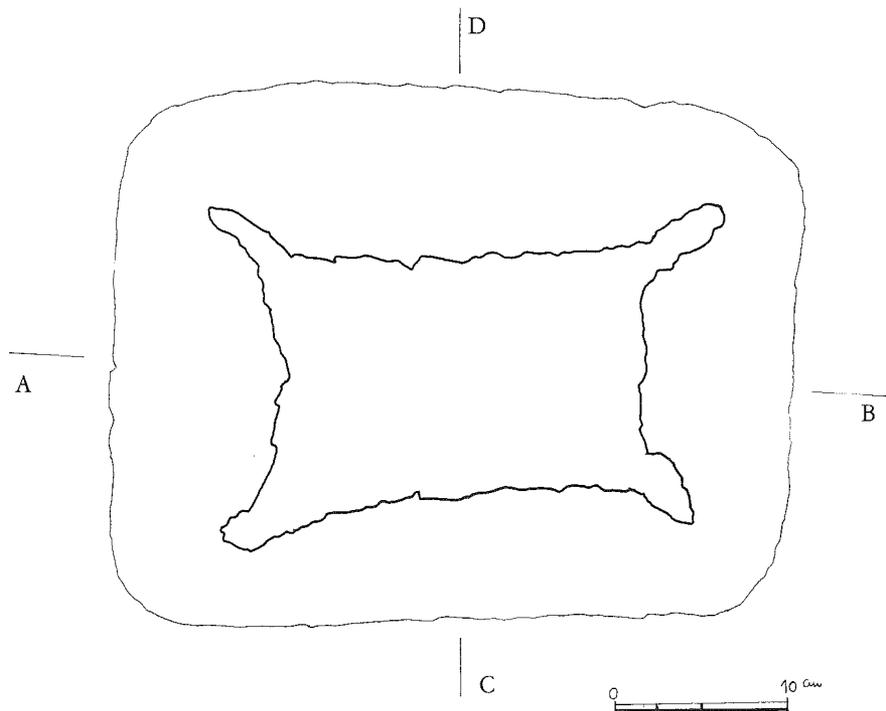
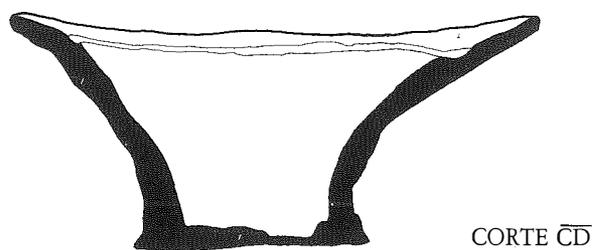
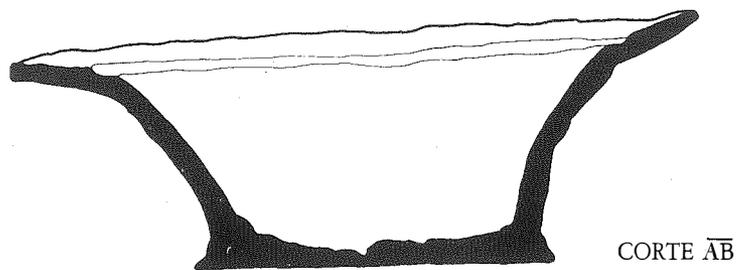
1



2

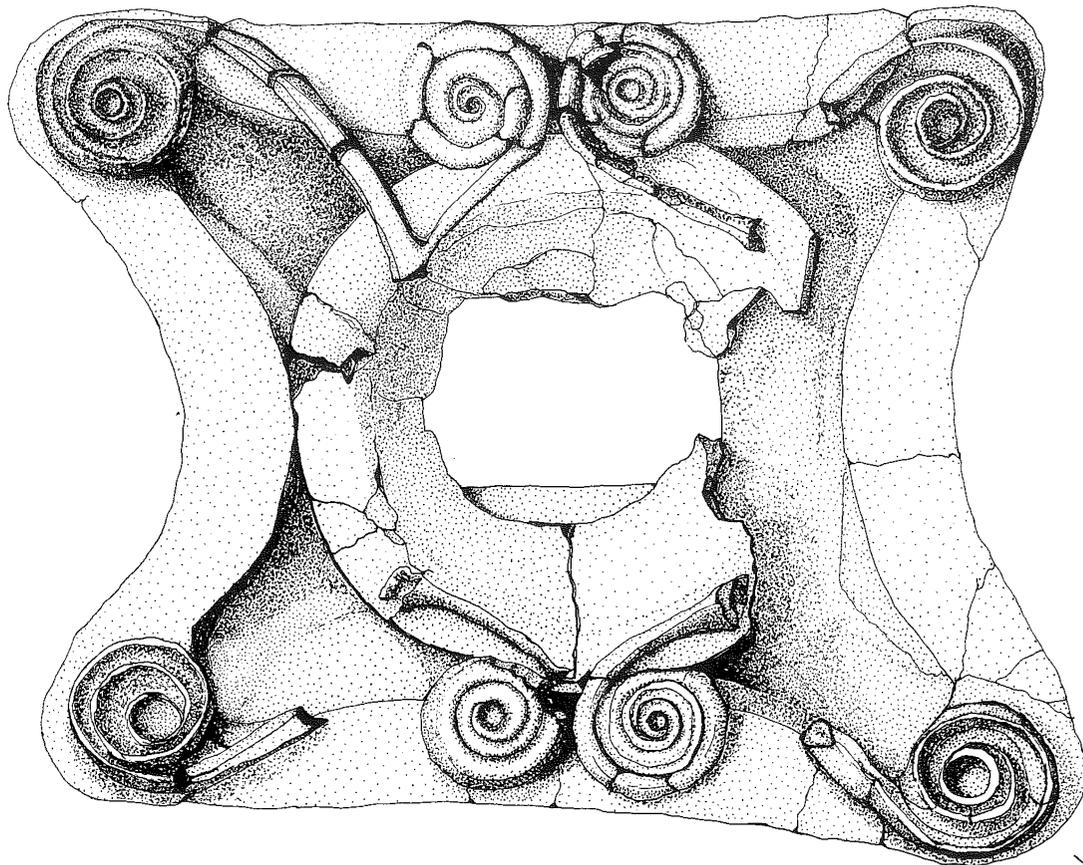


3



LÂM. III

A



B



LÂM. IV

O interior do *larnax*, ligeiramente calcinado, continha cinzas, carvões e esquirolas ósseas carbonizadas, estas últimas em pequenas quantidades.

DESCRIÇÃO - PEÇA B

Designamos a segunda peça de *larnax* por semelhança com a A, embora rigorosamente não seja uma caixa visto que não possui actualmente, nem nunca possuiu tampa, nem a zona central do fundo (Lâm. IV e V).

Trata-se de um recipiente em barro cozido, com um comprimento máximo de 54,5 cm e uma largura máxima de 44,5 cm, por uma altura máxima de 15,5 cm.

A sua forma geral é idêntica à da peça A, embora apresente um aspecto mais maciço e a sua profusa decoração lhe confira uma aparência bastante diferente.

Possui igualmente uma aba saliente que forma um rectângulo de lados côncavos cujos ângulos projectados, dão origem a saliências quase circulares, sobre as quais está aplicado um rolo de argila que se curva sobre si mesmo, desenhando quatro volutas em relevo acentuado.

Um pequeno fragmento de fio de prata foi recolhido junto de uma destas espirais, pelo que supomos que as depressões entre as voltas da voluta fossem adornadas com arame daquele metal, que julgamos ter uma liga pobre porque apresentava uma coloração esverdeada, resultante da formação de óxidos de cobre à superfície.

O fundo é plano, mal alisado e a sua zona central apresenta um orifício rectangular, cujo lado maior mede 10 cm e o menor, 8 cm (Lâm. VI). Sobre esta placa e acompanhando esta abertura, foi aplicado um vaso sem fundo de paredes de tendência cónica e com boca de lábio revirado para o exterior, formando uma pequena aba circular. O seu diâmetro, ao nível da boca é de 29,8 cm.

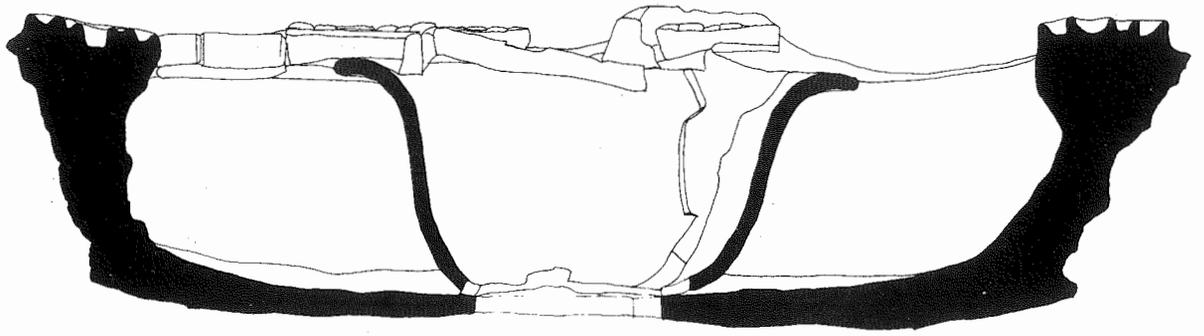
Das espirais aplicadas nos ângulos do recipiente exterior, partem grossos cordões em argila cozida que descrevem uma curva sobre o espaço que medeia entre a aba externa e a do vaso interno, à qual se prendem e formam um ângulo quase recto, para voltar a transpôr o espaço entre os dois recipientes mas em sentido contrário e enrolarem outra vez, em duas espirais mais aplanadas no centro de cada uma das abas correspondentes à parede lateral da caixa exterior.

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

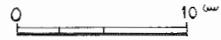
A estação arqueológica de Neves I apresenta uma planta complexa que, à primeira vista, sugere a de um pequeno povoado aberto ou mesmo *habitat*, embora o seu contexto arqueológico revele uma disposição relativa dos materiais bastante diversa da dos povoados circundantes em que interviemos (Lâm. VII).

Está situada sobre uma pequena colina arredondada, de cota baixa, da qual ocupa o topo, estendendo-se um pouco pelo início da encosta. As construções, quase todas de planta rectangular, justapõem-se e imbricam-se numa orientação geral NNO.-SSE., com prolongamentos para Oeste e Leste. A técnica de construção das paredes baseia-se em alvenaria de pedra, aglutinada com barro amassado e a sua parte superior deveria ser constituída por adobe ou taipa, cujos vestígios se notam, sobretudo na segunda camada que recobre toda a jazida e que corresponde ao derrube, formando como que uma densa calçada de terra amarelada e dura e de pedras de construção.

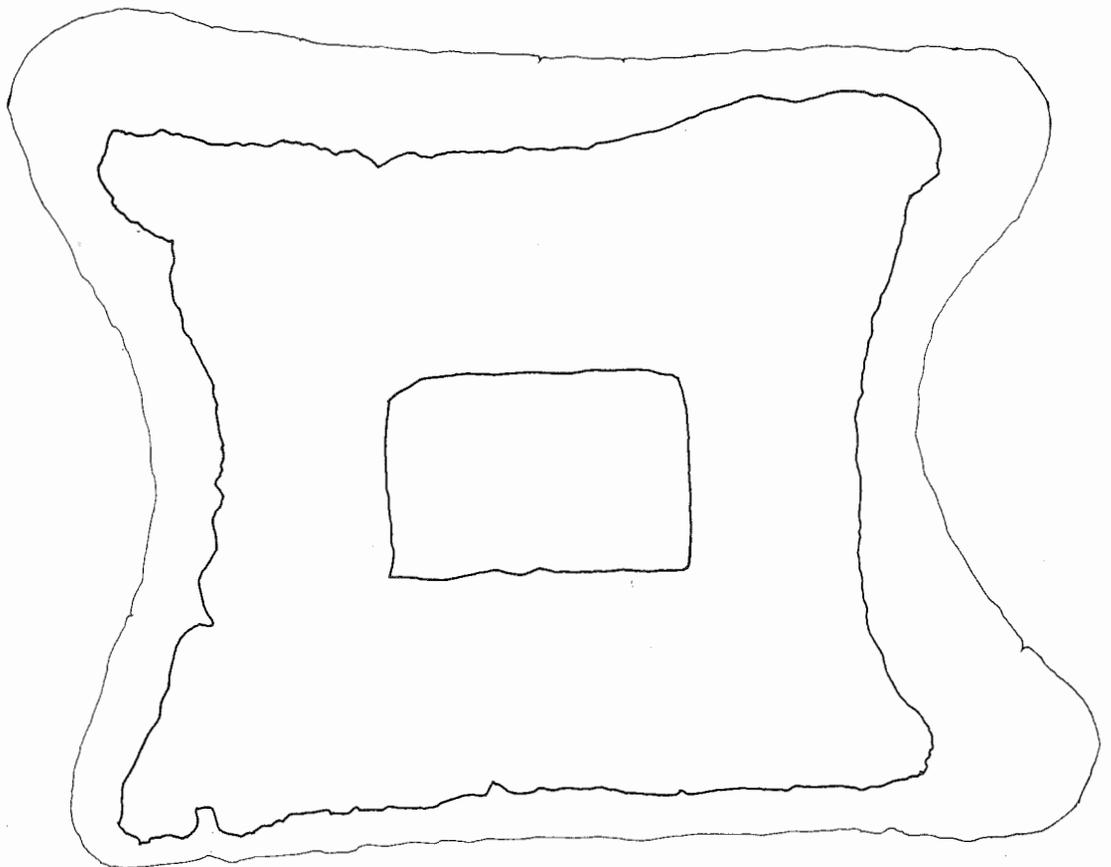
Examinando a posição relativa das paredes a sua articulação estrutural, conclui-se que um grande compartimento (A) parece ter sido construído em primeiro lugar porque os restantes muros apenas se adossam ou se justapõem a ele próprio ou aos seus prolongamentos.



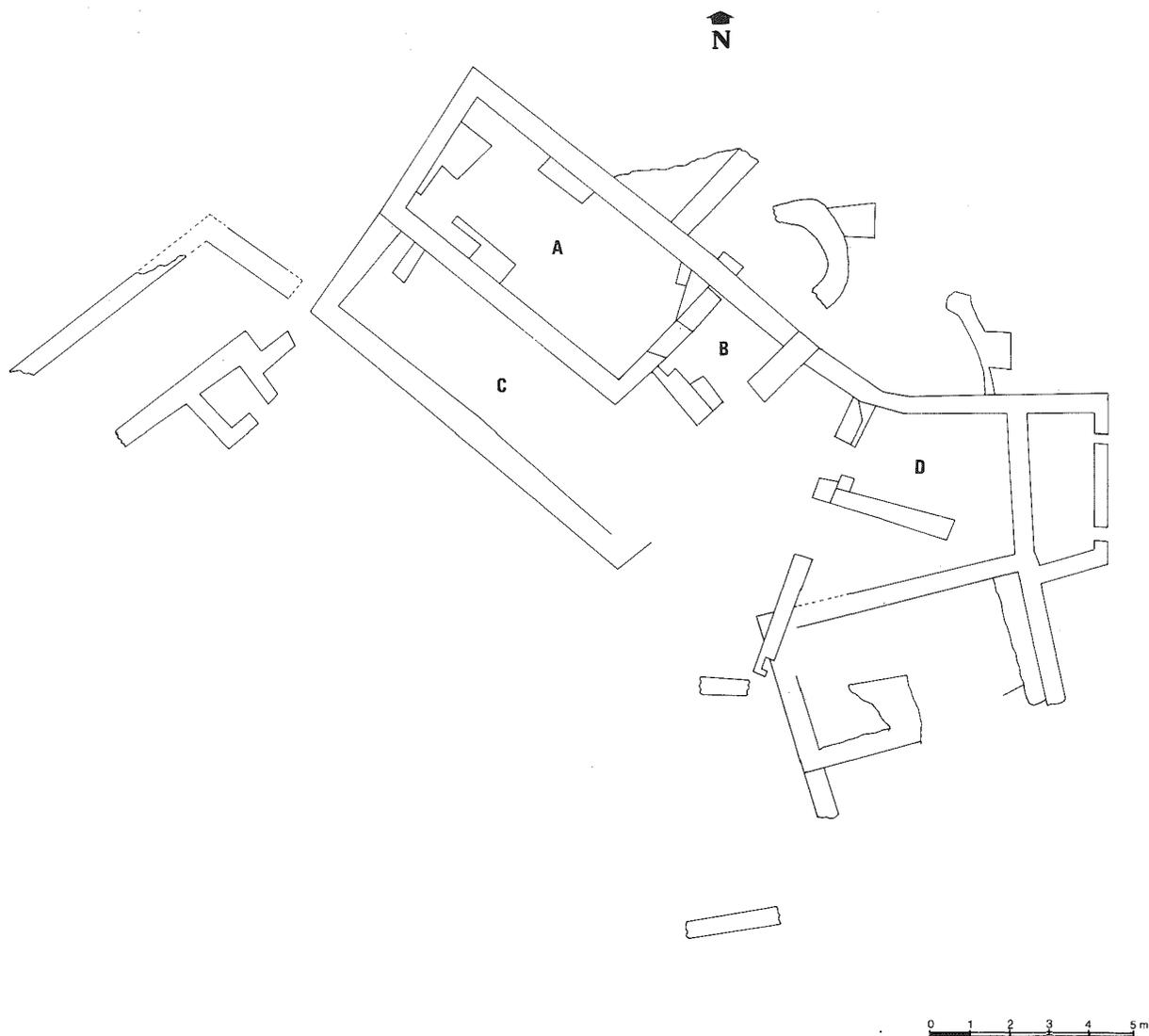
CORTE AB



LÂM. V



LÂM. VI

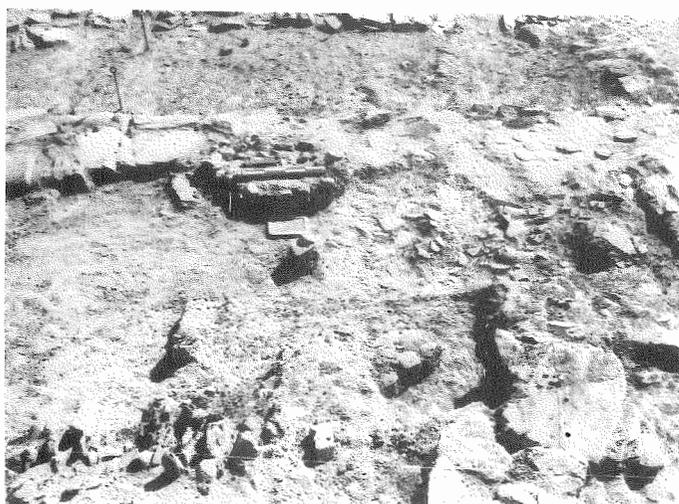


LÂM. VII

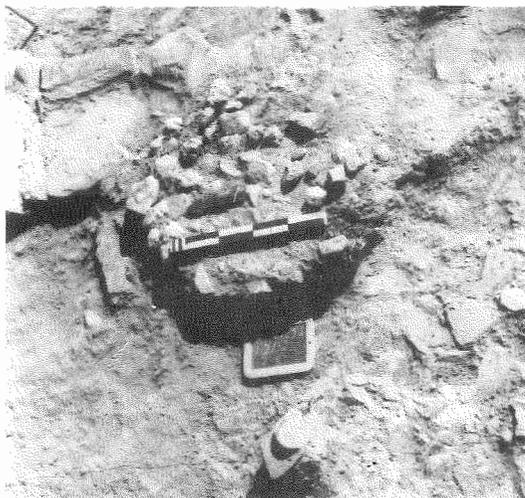
1



2



3



Definimos assim, uma estrutura principal, rectangular, com c. de 7,40 m no eixo maior e c. de 3,20 m no menor. Numa primeira fase, esta sala foi totalmente cerrada mas, na sua última ocupação, o muro SSE tinha sido demolido na zona central, a fim de proporcionar uma porta de acesso ao recinto, tendo sido conservadas as duas primeiras feiras de pedra dos alicerces, que passaram a constituir uma soleira, ao nível do pavimento de terra batida que formava o solo, nesse período.

A este compartimento, justapõe-se um outro, que o continua para SSE, e que, de um lado, aproveita o prolongamento de parede da primeira ala (B). Trata-se de uma divisão de menores dimensões que constituiu um átrio ou antecâmara. A parede SO. deste átrio apresenta um nicho até ao solo onde fora depositada, em posição invertida, uma pequena taça que cobria um núcleo de cinzas (Lâm. II, n.º 1).

Para SO. do primeiro compartimento, estende-se outro, de dimensões idênticas e que se lhe encosta, utilizando uma as suas paredes mais longas (C).

Há ainda a registar outro recinto rectangular (D) que se orienta numa direcção diferente dos anteriores, quase E.-O. e que, no último período de ocupação, era dotado igualmente de um átrio que comunicava com o recinto propriamente dito, através de um degrau alto formado pelo alicerce de uma parede derrubada e integrada no pavimento da sala principal que, naquela zona, era constituído por manchas irregulares de talco pulverizado, fragmentos cerâmicos, seixos rolados e aplanados de quartzito (Est. II, n.º 2 e 3).

Na camada de derrube e revolvimento (2ª ca.) do átrio referido recolhemos, fora do seu contexto, uma aresta em argila cozida, muito idêntica às da peça A, que nos testemunha a existência, nesta estação, de um terceiro *larnax*. A peça A ocupava o centro da divisão principal, inserindo-se numa terceira camada, caracterizada pela presença de muitos carvões e cinzas, além de numerosíssimo espólio arqueológico.

A NNO. da peça e no átrio anteriormente referido constatámos a existência de núcleos de forte concentração de cinzas e carvões, sendo possível identificar, nalguns casos, ramos carbonizados que se sobrepunham, em posição contrária, sugerindo uma colocação intencional em forma de pira (Lâm. VIII).

Uma construção irregular, de planta grosseiramente regular com uma abertura orientada e constituída por pedras soltas, formava uma estrutura envolvente da peça A que repousava sobre o pavimento de terra batida (4ª ca.) o qual, no interior da referida estrutura era particularmente cuidado, com inclusão de pequenas pedras de quartzo, o que não verificámos fora desta zona (Lâm. IX-1).

A peça B foi recolhida no mesmo local, mas cerca de 25 cm abaixo, e estava separada da A pelo pavimento da terra batida já referido e por uma camada estéril (4ª ca.). Encontrava-se isolada numa cavidade quase seguramente intencional, na rocha irregular, que constituía o solo natural do compartimento (Lâm. IX-2). Pode corresponder a uma primeira ocupação da jazida, cujos testemunhos estão patentes na estratigrafia e articulação estrutural das paredes, assim como em espólio recolhido nas camadas interiores de enchimento, mas sem elementos de datação precisa. Explicamos a sua conservação *in situ* pelo carácter sagrado que a profusa decoração quase barroquista nos autoriza a atribuir-lhe.

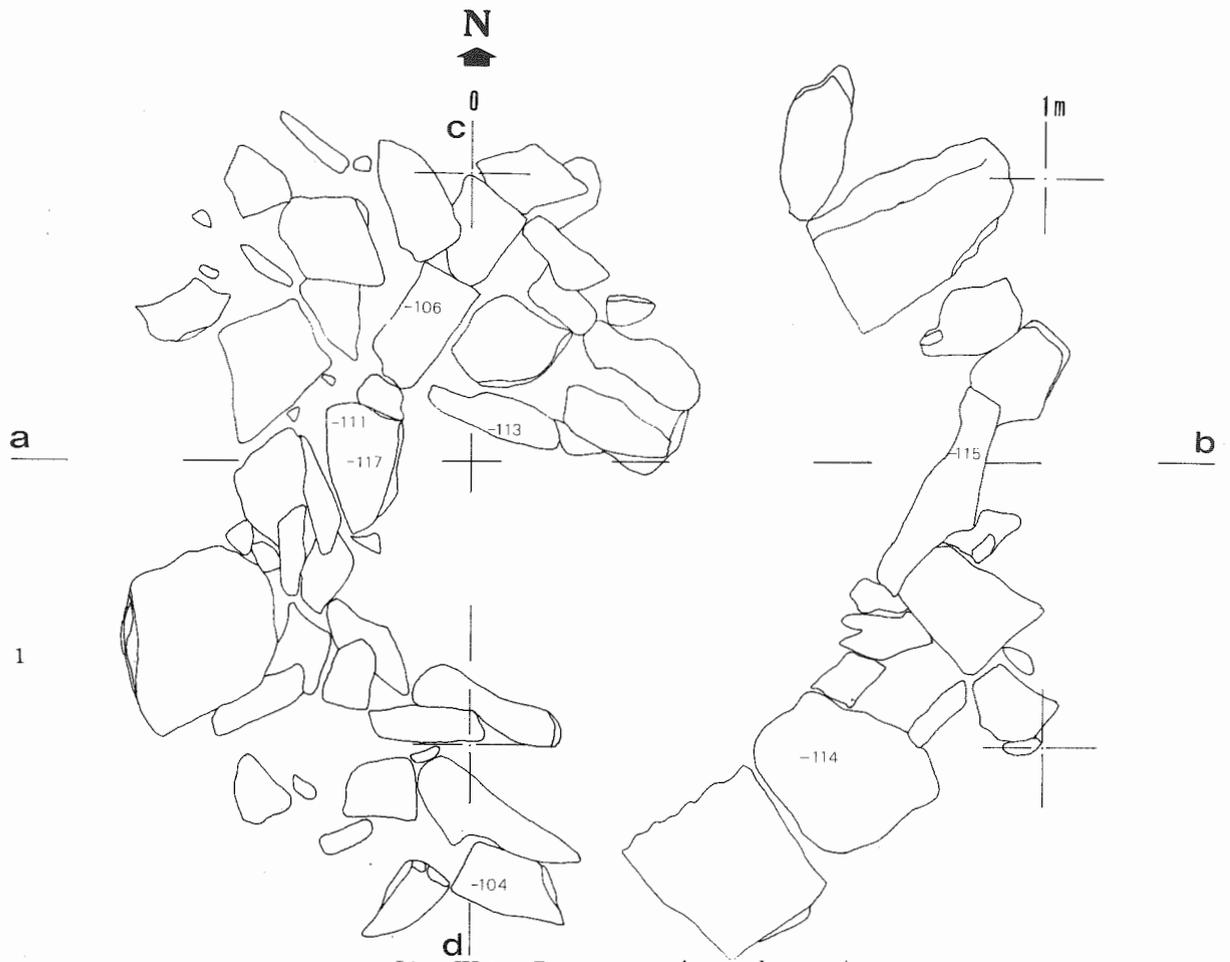
A peça B assentava num pavimento de terra batida vermelha que, a meio, era interrompido pela existência de uma cavidade cavada na rocha no fundo do qual, encontrámos, numa bolsa, carvões, cinzas e esquirolas ósseas.



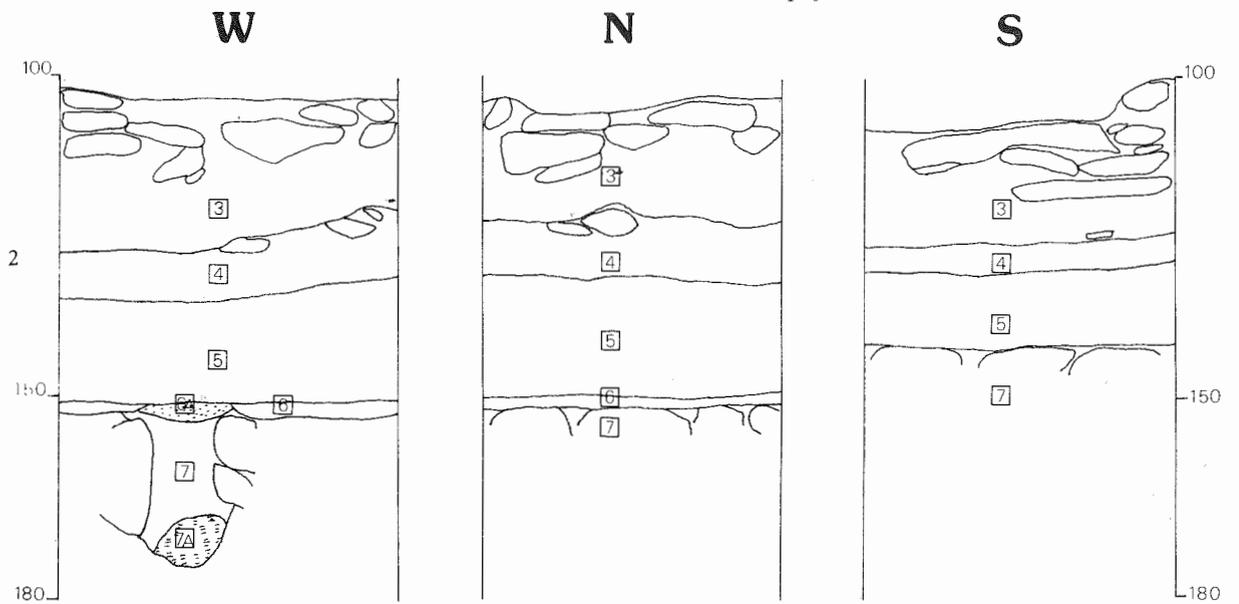
0 20 40 60 80 100 cm



de Neves I e Larnax A in situ



LÂM. IX-1. Estrutura envolvente da peça A



LÂM. IX-2. Estratigrafia

CRONOLOGIA

A terceira camada de Neves I, a que pertence a peça A, forneceu abundantíssimo espólio sobretudo cerâmico, do qual destacamos, por serem valiosos elementos de datação, as peças de origem exógena.

Recolhemos cerca de 10 fragmentos de *Kylikes* áticos, de engobe negro, com lábio marcado e bordo côncavo no exterior e convexo no interior, pertencentes a um tipo bem conhecido e de larga difusão desde Kiev até ao Ocidente Peninsular (a chamada «copa» Cástulo) passando pelo Sul de Itália e Sicília, Sardenha e Ibiza. *Kylikes* destes estão bem documentados no Sul de Espanha e não são também desconhecidos em território actualmente português onde trabalhos em curso têm vindo a exumá-los numa área progressivamente mais vasta.

Estas taças de pé baixo pertencem ao Tipo «inset lip» do Ágora de Atenas e são datáveis segundo os dados estratigráficos aí observados, entre c. 480 e o primeiro quarto do séc. IV a.C. Pelo facto de os exemplares recolhidos em Neves I não terem a face externa do pé nem a zona onde as asas se prendem reservadas, mas possuírem o lábio côncavo, julgamos poder situá-los aproximadamente a meio da evolução desta forma, no último quartel do século V a.C.¹ (Lâm. X, n.º 1).

Não devemos, contudo, pôr de parte informações provenientes de sepulturas e outros contextos arqueológicos bem definidos, na Península Ibérica, que autorizam a avançar a cronologia destas peças até meados do séc. IV a.C.².

Úteis também para a datação do estrato à que pertence a peça A são ânforas de origem ou tradição púnica, tipos derivados dos 223-235, 237 e 238 de Cintas e que, de acordo com a tipologia elaborada por Pellicer para o Cerro Macareno (correspondem às suas formas B e C), pelo perfil do bordo, engrossado e revirado para o exterior, se podem colocar em todo o século VI com prolongamentos para o V e até para princípios do IV a.V³ (Lâm. X, n.º 2).

Também duas pequenas contas em pasta vítrea azul-turquesa, oculadas a azul-escuro e branco constituem indicativos que permitem situar este estrato num horizonte orientalizante da Primeira Idade do Ferro, apontando para os séc. VI, V e IV a.C.

Quanto à cronologia do objecto B, apenas dispomos do *terminus ante quem* fornecido pelo *larnax* A e pelo seu contexto, uma vez que se encontrava totalmente isolada e não contém em si elementos de datação fácil.

INTERPRETAÇÃO

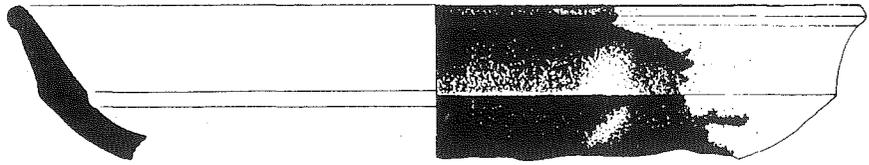
Evidentemente que, dos dois elementos que compõem o *larnax* A, aquele que mais chama a atenção é a tampa que, pela sua forma, imediatamente recorda os lingotes de cobre e de outros metais que estilizam uma pele de boi estendida e que tem origem em Creta, pelo menos no pe-

¹ Ver em primeiro lugar, Brian S. Sparkes e Lucy Talcott, *The Athenian Agora*, XII, Part 1, 2, Princeton, New Jersey, 1970, pp. 98 ss. Seguidamente, os comentários de Shefton, in *Phönizier im Western, Madrider Beiträge* 8, Mainz am Rhein 1982, p. 403. Para o Sul de Espanha, entre muita bibliografia José M.^a Blázquez, *Castulo I*, Acta Arqueologica Hispanica 8, Madrid 1975.

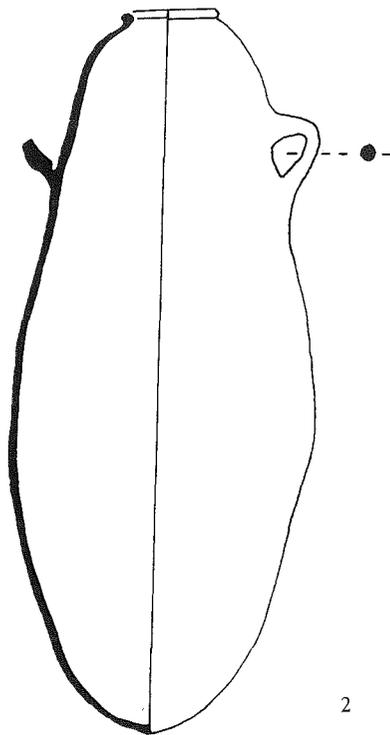
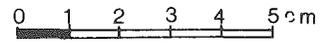
² Carmen Aranegui Gasco, «Cerâmicas importadas

de la Necrópolis de Orley», in A. Lázaro Mengod, N. Mesado Oliver, C. Aranegui Gasco, C. D. Fletcher Valls, *Materiales de la Necrópolis Ibérica de Orley (Vall d'Uxó, Castellón)*, Valencia 1981, pp. 30 ss.

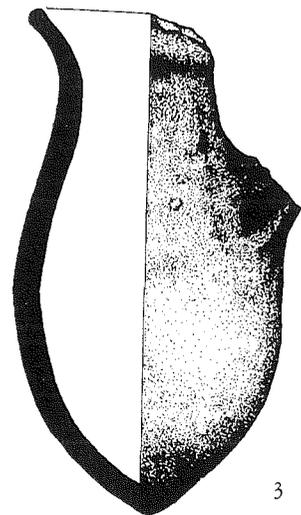
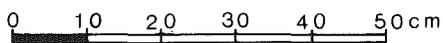
³ Manuel Pellicer Catalán, José Luis Escacena Carrasco, Manuel Bendala Galán, *El Cerro Macareno*, Excavaciones Arqueológicas en España, 1983, pp. 84 s. e fig. 82.



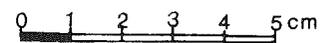
1



2



3



ríodo Minóico Recente I mas que conheceram larga difusão pelo Mediterrâneo Oriental e Central, durante a Idade do Bronze, tendo sido levados pelo comércio, desde o Mar Vermelho, até à Irlanda.

A forma da nossa tampa aproxima-se especialmente de uma versão evoluída destes lingotes (Buchholz Tipo III) recolhida em Micenas, junto da cidadela e que apresenta os ângulos muito desenvolvidos e prolongados e o recorte sublinhado por um rolo em relevo⁴. Pela presença destes lingotes em Chipre (onde tomam também a forma de miniaturas), no período Cipriota Recente III (1230-1050 a.C.), sabemos que eles perduram pelos menos, até ao século XI a.C.⁵.

Esta forma, como motivo ornamental, divulgou-se e conheceu uma longa vida no Próximo-Oriente Antigo, em vasos cerâmicos, tabuleiros de jogo em marfim, em pinturas nos palácios Assírios e Sírios de Korsabad, Tel-Barsid, etc., como sublinhou Mata Carriazo, ao estudar os peitorais de ouro de Carambolo⁶, que fornecem um claro antecedente peninsular para o tema da pele de boi estendida, que a nossa peça retoma.

Não nos parece fácil interpretar o formato desta tampa, simplesmente, como um rectângulo com os lados côncavos, até porque tal não corresponde à realidade: houve aqui um motivo ponderoso —talvez o conhecimento de um modelo— que levou ao prolongamento exagerado dos ângulos da placa, no sentido do seu eixo maior e à aplicação de um duplo rolo pástico que sublinha esse mesmo formato, quase fazendo crer que o autor da peça pretendeu sugerir a sobreposição de mais que um lingote.

Quanto à caixa e procurando paralelos para ela, apenas encontrámos uma pia ou travessa, em pedra branca recolhida no Poblado Bajo de Carambolo, que apresenta algumas similitudes dimensionais e formais com ela, as quais não vão, infelizmente, além da circunstância de se tratar de um recipiente de formato geral próximo do rectangular e de possuir uma aba saliente que, neste caso, se limita aos topos correspondentes aos lados menores.

Paralelos um pouco mais longínquos, mas não menos sugestivos para a peça A são as caixas cinerárias, em pedra e em argila cozida, das quais Schüle e Pellicer dão uma lista exaustiva até aquele momento (1963), depois completada por Teresa Chapa Brunet (1979), por Martín Almagro Gorbea e Sanmartí-Grego (1982)⁷.

Receamos que as semelhanças entre a nossa peça e as urnas cinerárias Bastetanas não vão além do facto de todas serem caixas, de as dimensões serem aproximadas e de denotarem um esforço artístico na sua decoração. Podemos ainda acrescentar que todas se inserem numa tradição cultural fenícia e grega, e interpretada em contextos indígenas diferentes.

A cronologia atribuída às referidas peças (séc. V e IV a.C.) não se afasta muito da da nossa e a sua ligação com o espaço geográfico bastetano, com prolongamentos para o imediato *hinterland* da costa mediterrânica, ocupado por uma população bástulo-fenícia parece justificar as profundas diferenças formais que as separam do nosso *larnax* Cónio.

Hesitamos muito em fazer uma atribuição funcional positiva deste *larnax*, sobretudo devido à planta geral da estação onde o recolhemos e à circunstância de o seu paralelo formal mais próxi-

⁴ Porphyrios Dikaios, *Enkomi - Excavations 1948-58*, Mainz am Rhein 1969, p. 294.

⁵ Hans-Günter Buchholz, *Prehistoric Greece and Cyprus*, London 1973.

⁶ J. de Mata Carriazo, *Tartessos y el Carambolo*, Madrid 1973.

⁷ Pellicer e W. Schüle, «Ein Grab aus der iberischen Necropole von Galera (prov. Granada)», in *MM* 4,

1963, pp. 39-50. Teresa Chapa Brunet, «La Caja Funeraria de Villagordo (Jaén)», in *Trabajos de Prehistoria* 36, 1979, pp. 445-58. Martín Almagro Gorbea, «Tumbas de Cámara y Cajas Funerarias Ibéricas», in *Homenaje a Conchita Fernández Chicharro*, Madrid 1982, pp. 250-57. E. Sanmartí-Grego, «Caja Funeraria y Soporte Pétreos de Época Ibérica», in *Ampurias* 44, Barcelona 1982, pp. 108-120.

mo ser a «fuente» do Poblado Bajo de Carambolo, jazida em que foi sublinhado o carácter doméstico e não funerário ou cultural ainda que, quanto ao local específico de achado da peça em questão, Mata Carriazo produza algumas observações sobre a sua natureza especial e refira a presença de lousas bem lavradas, acompanhadas dos melhores exemplares cerâmicos então recuperados⁸.

Quanto à planta do recinto de que o *larnax* A ocupava o centro, poderíamos recorrer, se quiséssemos sublinhar mais as filiações Micénicas ou Sírias, à comparação com a do «*Megaron*» ou mesmo do *Bit-hilani*, mas encontramos demasiado facilmente, no mundo peninsular, exemplos da conotação casa-túmulo, para necessitarmos de recorrer a protótipos tão longínquos. A associação câmaras sepulcrais-casas subterrâneas foi já amplamente evocada e a relação entre túmulos de câmara Fenícios e Ibéricos demonstrada e apresentada como consequência de um substrato cultural comum, originário provavelmente do mundo orientalizante.

Túmulos rectangulares, de grandes dimensões, formados por quatro muros com uma altura máxima actual de cerca de 60 cm, sendo o restante alçado, ao que parece, completado por adobes, foram referenciados em necrópoles de Cástulo (Baños de la Muela e Casa Blanca)⁹.

Estes túmulos têm afinidades com as grandes construções da nossa estação, para além da evidente semelhança das plantas e da técnica de construção: integravam-se em necrópoles de cronologia aproximadamente idêntica à da nossa estação e os túmulos mais modestos, sob o ponto de vista arquitectónico que se dispunham em seu redor podem corresponder aos monumentos que se adossaram, em período posterior, ao monumento principal, no caso de Neves I.

Assim, a ideia de uma sepultura de incineração para o compartimento principal de Neves I ganha verosimilhança, que é reforçada pelos seguintes argumentos:

1. Presença de carvões, cinzas e esquirolas ósseas no interior da peça A e sob a peça B.
2. Existência da estrutura envolvente da peça.
3. O espólio que estava disposto sobre e junto da estrutura envolvente e que era constituído, entre outras peças de cerâmica, por: a) um fragmento de parede lateral de um *Kylix* ático de verniz negro, relacionado, por hipótese, com a libação fúnebre; b) um anforisco ou *alabastron* em argila cozida, de tradição fénico-púnica, embora de fabrico local (Lâm. XI, n.º 3). Corresponde aos unguentários de vidro de Galera e ao *Lekythos* de Pozo Moro, com claro significado funerário; c) uma ânfora de origem ou tradição púnica, contendo grande quantidade de cereais carbonizados. A nosso ver, constituiu, sem dúvida, uma oferenda ritual de alimentos.
4. Presença de um grande vaso de manufactura local sobre a soleira da porta de comunicação entre o átrio e a grande sala rectangular.
5. Distribuição dos vasos de grandes dimensões (ânforas e potes) ocupando os ângulos do edifício, à semelhança do que se passa em algumas câmaras funerárias fénicias e ibéricas como Trayamar e Baza.
6. A estrutura e semelhança do compartimento contíguo. Este compartimento que, como vimos, se justapõe à sala principal e aproveita uma das paredes desta tem a sua zona central ocupada por um grande pote de aba revirada de manufactura local e protegido por uma estrutura envolvente idêntica à da divisão principal.

Se aceitamos a correspondência crátera grega-urna cinerária estabelecida para a cultura bastetana por Olmos Romera¹⁰, podemos admitir idêntica correspondência para a região dos Cónios

⁸ Mata Carriazo, *op. cit.*, p. 294.

⁹ José M.ª Blázquez, *op. cit.*, pp. 123 ss.

¹⁰ R. Olmos Romera, «Vaso Griego y Caja Funeraria en la Bastetania Ibérica», in *Homenaje a Conchita Fernández Chicarro*, Madrid 1982, pp. 260-68.

entre *larnakes* indígenas mas reflectindo claros influxos mediterrânicos e grandes potes de origem e tradição locais, utilizados como urnas cinerárias. Neste segundo compartimento, ainda não totalmente escavado, não faltam também as cerâmicas de importação —*Kylikes* e ânforas, como testemunho do luxo possível para estas populações do interior.

Se, para encontrarmos os protótipos para a forma da tampa da peça A, fomos conduzidos até Micenas e Chipre, de resto, estão em uso pela mesma época *larnakes* e sarcófagos em forma de banheira, em pedra e argila, os quais constituirão eventualmente alguns dos modelos para as caixas funerárias peninsulares, não nos repugna comparar o formato geral da peça, ao das conhecidas telhas planas do Micénico Recente, documentadas entre outros sítios, em Berbatí, Gla e Peristeria.

Admitindo esta filiação remota, a nossa tampa, ao mesmo tempo que reproduzia a forma dos lingotes de cobre, faria ainda uma alusão a um telhado, aqui representado simbolicamente por um dos seus elementos constitutivos.

Da mesma forma, o orifício rectangular que se abre na parte central e que poderia destinar-se à prensão, substituindo assim os botoões ou pegas que algumas tampas de urnas em argila cozida ostentam na parte central, seria uma representação simbólica e miniatural do *Clerestório* que se abria no telhado do *Megaron* micénico, sobre a lareira central. Por ventura poderia ainda constituir a abertura destinada ao acesso da libação até junto das cinzas aí encerradas.

Teríamos então, associados na mesma peça, um símbolo de poder económico que certamente estava ligado ao social e político, que era a representação dos lingotes de cobre e um símbolo funerário, a casa.

Encontramos dificuldade em produzir uma explicação para a sobrevivência, na Península Ibérica, da forma dos lingotes como símbolo de poder, mas o exemplo dos peitorais de Carambolo parece testemunhar eloquentemente a favor deste facto.

O compartimento onde recolhemos os *larnakes* em estudo seria, um mausoléu em forma de casa, com espólio exclusivamente doméstico, sublinhe-se, que teria servido para o enterramento sucessivo de duas pessoas, certamente chefes ou régulos.

Torna-se ainda imprescindível evocar certa similitude com o monumento religioso-funerário de Cancho Roano, embora não possamos precisar com exatidão pontos de confluência concretos entre as duas estações¹¹.

PEÇA B

Não encontrámos qualquer paralelo exacto ou aproximado para esta peça. Se admitirmos que o *larnax* do estrato superior tinha, de facto, a função de urna cinerária, fácil nos será apontar a hipótese de esta peça B ser como que o «capeamento» sofisticado e com claras alusões para-arquitectónicas, de um *loculus* funerário cavado na rocha.

A abertura ao centro do fundo desta peça coincidiria com o orifício escavado na rocha (que continha carvões, cinzas e esquirolas ósseas como já referimos), pelo que podemos conjecturar que o vaso central teria a função de conduzir libações até junto das cinzas do defunto.

Olmos Romera¹² tratou já a problemática ligada ao ritual da libação funerária, introduzido na Península no Período Orientalizante e mostrou como ele perdurou até aos secs. V e IV a.C.,

¹¹ J. Maluquer de Motes, «El Santuario Protohistórico de Zalamea de la Serena, Badajoz (1978-1981)», in J. Maluquer de Motes - M^a Eugenia Aubet, *Andalucía y*

Extremadura, Barcelona 1981, pp. 224-409.

¹² Olmos Romero, *op. cit.*, p. 000.

citando o exemplo da Dama de alabastro de Galera que recolhe a libação numa taça que sustenta no regaço. Este será um dos melhores paralelos funcionais para a nossa peça, uma vez que já não restam dúvidas acerca do carácter apotropaico deste tipo de esculturas ibéricas.

Sendo a voluta e a espiral motivos frequentíssimos em todo o mundo Mediterrânico, inútil é evocar aqui os seus consabidos arquétipos na misteriosa «árvore da vida» Mesopotâmica e Síria, ou na temática decorativa Minoico-Micénico-Cipriota, para não nos afastarmos dos protótipos apontados pela peça A.

Na Península Ibérica, são igualmente numerosíssimos os exemplos de volutas e espirais conhecidas e basta-nos referir o capitel fenício de Cádiz, com volutas morfológicamente aparentadas com as desta peça, para mostrarmos que a sua fonte inspiradora foi, mais uma vez, o mundo orientalizante.

Quanto ao emprego de volutas e espirais em contextos funerários, citaremos apenas e para não nos alongarmos mais, a cimalha que sustentava o tecto do túmulo 75 da necrópole de Galeira, decorada com volutas e entrelaços e outra de Elche, talvez também proveniente de um túmulo.

No âmbito da cultura Cónio-Tartéssico, temos o disco de ouro da necrópole da Fonte Velha, em Bensafrim (Algarve) que ostenta espirais utilizadas com uma finalidade decorativa, sem dúvida, mas com uma posição estrutural de ligação entre a margem exterior e o interior do disco, que nos parece algo paralela à das volutas da nossa peça.

Não podemos deixar de sublinhar, também para este objecto, a clara alusão para-arquitectónica que a presença de volutas tão desenvolvidas sobre as suas arestas representa.

Sem querermos ser desnecessariamente exaustivos, basta que recordemos, a este propósito, as primeiras aras Micénicas e post-Micénicas, colocadas no centro de edifícios com flagrantes semelhanças com o nosso, os capitéis Jónicos e até os «capeamentos» de Cipos prismáticos de período romano, que parecem constituir miniaturas de templos ou de torres funerárias e que são sob o ponto de vista formal e até funcional, muito próximos do exemplar em estudo.

Estamos, portanto, e mais uma vez, perante uma temática sacro-cultural, com profundas raízes orientalizantes, mas adaptada às concepções locais e julgamos não nos enganar se concluirmos que se trata, também neste caso, do enterramento de uma pessoa de elevado *status* social.

CONCLUSÕES

A estação da I.F. de Neves I testemunha a pujança do influxo orientalizante que se fez sentir no Sul da Península Ibérica, não só pela presença de objectos de importação mas, e sobretudo, por estas duas peças que, sendo de clara manufactura indígena, se inspiram em protótipos orientais, com os quais os seus autores contactaram directamente ou de que receberam, por sobrevivência ou transmissão os modelos.

Uma vez que a assimilação de um modelo da cultura material logicamente deveria implicar que a correspondente alteração no domínio conceptual tivesse sido adoptada, temos que admitir que estas populações, tão afastadas da costa e já distantes no tempo do mundo orientalizante pleno, participaram de uma unidade cultural muito forte, responsável pela presença entre os Cónios do Alentejo, de ideias sociais e religiosas e de rituais comuns a um vasto arco populacional que parece estender-se, pelo menos, desde o cabo de S. Vicente até à Bastetânia Ibérica.